

## Acordo deverá estabelecer as metas para 94

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — O governo retoma hoje as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas um novo acordo com a instituição somente será definido entre setembro e outubro e estabelecerá metas que serão cumpridas ao longo de 1994, admitiu um integrante da equipe econômica.

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, defende a necessidade de um acordo com o FMI, mas definiu com seus principais assessores que é impossível pensar em reativar, agora, o acordo assinado pelo ex-ministro Márcilio Marques Moreira.

Segundo os assessores, é praticamente impossível, neste momento, o País se comprometer com metas de desempenho da economia, porque Cardoso ainda não concluiu o processo de equilíbrio das contas públicas.

**Boa vontade** — O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Winston Fritsch, que está chefiando a missão brasileira, seguiu para Washington com a orientação de Cardoso de obter um gesto de boa vontade do FMI. Ou seja, é importante para o governo que o FMI "informe à comunidade financeira internacional" que o Brasil retomou as negociações em torno de um

Essa aproximação com o FMI é fundamental para que o governo não enfrente dificuldades de última hora na assinatura do acordo de renegociação da dívida com os bancos credores, prevista para até o final de novembro.

O processo de retomada das negociações também é importante para manter a vigência do acordo com o Clube de Paris. O governo renegociou suas dívidas com os países credores e incluiu uma cláusula que suspende a vigência do acordo caso o Brasil não execute um programa aprovado pelo FMI.

A visita de Fritsch, nesse contexto, é essencialmente política, segundo os assessores da equipe econômica. "Ele vai traçar o panorama da economia e buscar um entendimento que facilite a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional", disse um assessor de Cardoso.

**Plano FHC** — Fritsch se reunirá com os dirigentes do FMI, do Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e com o subsecretário para assuntos internacionais do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, Lawrence Summers.

Nessas reuniões traçará um quadro realista da economia brasileira e explicará as medidas do Plano FHC. Um programa que, segundo os técnicos, prevê a queda gradual da inflação, que no final do ano deverá se situar na casa dos 26% mensais.

A missão brasileira demonstrará que o objetivo da equipe econômica é não criar novos déficits este ano, a partir da decisão de cortar US\$ 6 bilhões no Orçamento da União e outros US\$ 2,5 bilhões nos investimentos das empresas estatais.

Os dados também confirmarão o esforço do governo no alongamento do perfil da dívida interna e redução das despesas com o pagamento dos juros da dívida interna, que caíram de 29% no início do governo Itamar Franco para 16%, fixados nos últimos leilões de títulos públicos.